

HERTA MÜLLER: POR UMA ÉTICA DA ALTERIDADE

THALYTA BRUNA COSTA DO LAGO¹; HELANO JADER CAVALCANTE
RIBEIRO³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – thalyta.lago@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – hjcribeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma análise dos aspectos responsáveis por constituir uma obra autobiográfica inclinando-se, primordialmente, para o relato de si a partir do relato do outro. Para tanto, analisaremos o romance *Tudo o que tenho levado comigo*, de Herta Müller. Trata-se de uma obra construída através de cartas escritas por seu amigo Oscar Pastior, nas quais ele relata as experiências vividas durante o período em que foi mantido em um “gulag” - campo soviético de trabalho forçado- após o término da Segunda Guerra Mundial. Além do trauma como experiência de mudez vivida pelo jovem, a obra também se encarrega de retratar a dificuldade enfrentada por ele em retornar à família. Herta e Pastior desejavam escrever o livro juntos, no entanto, a morte de Pastior ocorrida no ano de 2006 impossibilitou que o projeto se concretizasse. Posteriormente, Herta escreveu a obra com o auxílio das cartas deixadas por ele, e é nesse ponto que devemos nos ater, pois através dele é possível começarmos a pensar sobre os jogos do discurso de si através do discurso do outro (“alteridade”), a reconstrução da memória a partir da memória do outro.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para análise dos aspectos da obra *Tudo o que tenho levado comigo* aqui contemplados se deu à luz de conceitos essenciais tais como a “ética da alteridade” proposta pelo filósofo lituano Emmanuel Lévinas, a qual nos permite compreender o processo de constituição do sujeito a partir do outro. O conceito de “trauma” de Sigmund Freud para esclarecermos a relação existente entre o trauma e a história e o “conceito de origem” proposto por Walter Benjamin.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cientes de que o surgimento do nosso objeto de análise decorre de um conjunto de inúmeras experiências marcantes vividas pela personagem principal e

a fim de percebermos o impacto gerado por tais vivências, lançamos mão da “teoria do trauma” proposta por Freud, a qual posteriormente originou o que hoje conhecemos por “teoria da psicanálise” e se relaciona de forma direta com o conceito de “memória”, igualmente apresentado por ele. A concepção que nos proporciona contribuições diz respeito ao “modelo de trauma da teoria de relações objetais”. Nesse modelo, os “objetos” dizem respeito a tudo aquilo que foi vivido, tudo o que foi visto e ouvido, ou seja, todas as experiências que nós, indivíduos, introjetamos e estabelecemos relação de objeto. Esses “objetos” podem ser bons ou ruins e nós incorporamos ambos os aspectos no nosso psiquismo. As relações que estabelecemos com bons objetos resultam de experiências agradáveis que tivemos. Ao passo que as nossas relações com os objetos ruins resultam de experiências “traumáticas” às quais fomos submetidos. O “trauma” está na origem, permanece ali recalcado e retorna.

No tocante às imagens estabelecidas pela autora na obra, consideramos por bem relacioná-las ao conceito de “imagens dialéticas” proposto por Walter Benjamin. A “Imagem dialética” benjaminiana tem sua autenticidade alicerçada pela tríade tese, antítese e síntese e, desse modo, desconhece a neutralidade e se coloca contra a linearidade da *Aufhebung*. Por ser dialética, convida-nos a estabelecer diálogo de maneira a ser retirados de nossas zonas de conforto. Causa-nos incomodo a ponto de tomarmos um posicionamento crítico diante delas, ainda que isso ocorra de forma involuntária.

4. CONCLUSÕES

Dentro da narrativa, a categoria traumática se torna evidente no momento em que Leo, personagem responsável por viver Oscar Pastior no romance, após muitos anos sem nenhum contato com a família, retorna ao lar e se choca com uma realidade completamente desconforme a que ele havia deixado. Sua família já não tinha esperança de um dia reencontrá-lo, pois a falta de notícias os fez abraçar a certeza de que esse havia morrido. O jovem passa, então, a ter dificuldades de se incluir novamente naquele contexto, o que podemos evidenciar na seguinte citação: “Nada me interessava. Eu estava trancado em mim mesmo excluído de mim mesmo, eu não pertencia a eles, e sentia minha própria falta” (MÜLLER, 2011, p. 272).

Durante a estadia no campo de trabalho, não houve um dia sequer em que as

lembranças da família e a saudade de casa não o acompanhassem e a frase de despedida proferida por sua avó (“eu sei que você vai voltar”), no dia em que foi deportado, o motivou a lutar contra a morte e resistir em meio a condições insalubres e desumanas. Ao regressar, porém, a personagem vive a frustração diante da falta de afeto dos familiares para com ele. Sente-se substituído desde o processo de tomada de consciência da existência de seu irmão, tido como o “irmão substituto”, se queixa que há meses não recebe nenhuma demonstração de afeto e em um dado momento até ousa comparar-se como um dos móveis da casa em vista disso. Além do intenso processo de cobranças internas geradas a partir disso, toda essa solidão desencadeia também o retorno do “trauma”, no sentido de mesmo após a libertação, o jovem memorar com regularidade aspectos referentes ao campo de trabalho. Por exemplo, no momento em que Léo começa a trabalhar em uma fábrica de caixas, emprego que lhe foi conseguido por um tio, e necessita fazer o serviço de forma ágil, vem à tona uma série de lembranças das exigências impostas pelos soldados e ele passa a comparar a agilidade em montar as caixas com “1 movimento completo com a pá = 1 grama de pão” (MÜLLER, 2011 pág. 88). Essa é, de certa forma, a tarefa das imagens dialéticas. Para que possamos imaginar o inimaginável é preciso fazê-lo através de imagens potentes. E se o real lacaniano é o absurdo, o trauma, e sua representação é uma tarefa já fadada ao fracasso, é possível que tenhamos apenas um indício, uma indicação da barbárie através dessas mesmas imagens, que, apesar de tudo, são imagens, apenas imagens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATISTA, J.B. O esquecimento do “outro” na história do Ocidente: uma abordagem do pensamento de Levinas. In: **X ENCONTRO NACIONAL DE FILOSOFIA DA ANOF**, São Paulo, 2002. Resumo expandido. *Perspectiva filosófica*, Vol. IX – nº18 39 – 51 Julho- Dezembro 2002.
- BLUME, R.F. Herta Müller e o ensaísmo autobiográfico. **Pandaemonium**, São Paulo, v. 16, n. 21, Jun/2013, p. 48-78.
- BOHLEBER, W. Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, V.41 Págs. 154-175 Mar.2007 < <http://rbp.org.br/>> acessado em 05/05/2017.



COSTA, J.X.S.; CAETANO, R.F. A concepção de alteridade em Levinas: caminhos para uma formação mais humana no Mundo Contemporâneo. **Revista Iguarapé**, Rondônia. Nº03, Maio de 2014 - ISSN 2238-7587 <<http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape>> acessado em 05/ 04/2017

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos e o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 1998.

GOMES, C. S. C. L. B. **Lévinas e o outro: a ética da alteridade como fundamento de justiça**. Dissertação - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Março de 2008.

MÜLLER, H. **Tudo o que tenho levo comigo**. Companhia das Letras, 2011. 298 páginas.

RIBEIRO, H.J.C. Thomas Bernhard: entre máscaras e ruínas dialéticas. **Revista investigações**, Pernambuco, Vol.28 nº1 1-34 Janeiro/2015.

RIBEIRO, L.M. **A subjetividade e o Outro: Ética da responsabilidade em Emmanuel Levinas**. Nº1. Ideias e Letras, 2015 150.

Origem da palavra acessado em 30 de Março de 2017 disponível em <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/contato/>>

Infopédia acessado em 30 de Março de 2017 disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/objetal> >